

# Diversão & Arte

**ITINERÂNCIA DA  
35ª BIENAL DE SÃO PAULO  
CHEGA AO MUSEU  
NACIONAL COM UMA  
VERSÃO CONDENSADA  
DOS TEMAS QUE  
PAUTARAM A MOSTRA  
EM SÃO PAULO**

» NAHIMA MACIEL  
Quem passar pelo Eixo Monumental a partir de hoje, a depender da altura, pode se deparar com uma plantação de milho. É, na verdade, uma instalação, quase um site específico, concebida por Denilson Baniwa. De origem indígena, nascido no interior do Amazonas, o artista foi um dos destaques da 35ª Bienal Nacional da República em São Paulo, que desembarca no braço de uma itinerância que já passou por seis cidades como parte de um esforço de ampliação de

A exposição reúne obras de 13 artistas considerados emblemáticos da mostra realizada em São Paulo entre setembro e dezembro de 2023. A 35ª Bienal, aliás, é uma das mais emblemáticas das últimas décadas: duas mulheres negras, Diana Lima e Grada Kilomba, fazem parte da curadoria ao lado de Hélio Menezes, também negro, e Manuel Borja-Villel.

Diana Lima retoma o próprio título da 35ª edição — Coreografia do impossível — para refletir sobre a relevância da escola da equipe curatorial. “Acredito que este fato fez da própria curadoria do impossível uma coreografia do impossível nos ajudou como nos relacionamos desde o início com esse fato e com tudo o que ele significa em termos de uma dívida histórica nos ajudou a compreender os limites da ideia de justiça social que a exposição, de certo modo, mobiliza, mas, também, de abrir caminhos da liberação para escapar das armadilhas da representação de modo a desenvolver uma Bial que fosse tão poética quanto política. Certamente, essa junção poderá ser vista na itinerância de Brasília”, explica a curadora.

Para a versão brasileira, Diana Lima e curadores escolheram artistas que reencenam conceitos de coletividade, como Denilson Baniwa e Deborah Anzinger, ou ainda obras de MAHKU e Zumvi Arquivo Afro Fotográfico, outros que trabalham a relação com o tempo e com a natureza, como Denilson Baniwa e Deborah Anzinger, ou ainda nomes que trazem um elemento histórico importante atrelado às coreografias do impossível, como Katherine Dunham e Mel-chior Maria Mercado. Na obra Kaá, de Baniwa, concebida especialmente para Brasília, ideias de compartilhamento e memória por meio do cultivo funcionam como críticas ao desenvolvimento. “É uma plantação de milho crioulo em pleno Eixo Monumental, traço de atos de partilha e produção de memória através da cultura do alimento, quanto mais modos de produção atuais”, explica Diana.

Com um tema que propôs trabalhar a tensão “nos espaços entre o possível e o impossível, o visível e o invisível, o real e o imaginário”, a 35ª Bienal reuniu 1.100 obras de 121 artistas. A versão que chega a Brasília retoma a temática desenvolvida pelos curadores na mostra principal. “Negociar os limites entre o possível e o impossível, mobilizando estratégias de imaginação radical e práticas que atravessam e recusa, são elementos de obras da exposição”, avisa Diana Lima.

Presidente da Fundação Bial, Andrea Pinheiro aponta a passagem da itinerância por Brasília como uma tentativa de levar as artes visuais para públicos cada vez mais amplos. “Vemos as tentativas de um potencializador do diálogo entre vários campos de pensamento. Foi essa visão que levou a instituição a implementar as itinerâncias”, explica Andrea. “Ao superar barreiras geográficas, como a da própria cidade de São Paulo, criamos oportunidades para que mais pessoas oportunamente e participem do cenário artístico contemporâneo, fortalecendo a sociedade e as instituições culturais no Brasil e no mundo.” Esta é a sétima edição do programa de itinerâncias, que teve início em 2011. Em 2019, Brasília recebeu a itinerância da 33ª Bienal. “A parceria com o Museu Nacional da República, por meio da Secretaria de Cultura e Economia Criativa do Distrito Federal, não apenas facilita a troca de experiências entre públicos e instituições, mas também contribui para a construção de uma sociedade mais inclusiva e plural”, garante Andrea. Atividades de formação dos mediadores da exposição e de educadores, além do lançamento da publicação educativa da Bienal, estão previstos para hoje e amanhã. Com isso, Andrea Pinheiro acredita que seja possível mobilizar professores, educadores e interessados em arte que não puderam visitar a exposição em São Paulo.

## COREOGRAFIA



Obra de Zumvi

Obras de Nikau Hinini



**Ao superar barreiras geográficas, como a da própria cidade de São Paulo, criamos oportunidades para que mais pessoas experiem do cenário artístico contemporâneo, fortalecendo a sociedade e as instituições culturais no Brasil e no mundo.”**

Andrea Pinheiro, presidente da Fundação Bial

Obra de Simone Leigh e Madeleine Hunt-Ehrlich



**35ª BIENAL DE SÃO PAULO – COREOGRAFIAS DO IMPOSSÍVEL**  
Curadoria: Diane Lima, Grada Kilomba, Hélio Menezes e Manuel Borja-Villel. Abertura hoje, às 19h, no Museu Nacional da República (Setor Cultural Sul, Lote 2). De terça a domingo, das 9h às 18h30. Entrada gratuita.



Obra de Simone Leigh e Madeleine Hunt-Ehrlich

## BRASILIENSE

Fotos: Levi Fanan / Fundação Bienal de São Paulo



Flagrante de montagem da 35ª Bienal de São Paulo



Obra de Zumvi